



“A beleza dura ●

5 **min**”

É um dos rostos da Dior e uma mulher sobre quem se pode dizer, sem faltar à verdade, que nunca está *out*. Falámos com Monica Bellucci na véspera de ela soprar 45 velas. A diva italiana garante que se sente hoje muito mais bela do que há 20 anos. E mais feliz. TEXTO DE **KATYA DELIMBEUF**, EM PARIS

Monica Bellucci senta-se ao meu lado — à minha esquerda, para ser mais precisa. Não, não é um sonho, apesar de ela o ser. A diva italiana, actriz de filmes como “A Paixão de Cristo” ou o polémico “Irreversível”, está instalada por trás de uma mesa redonda, de entrevistas, com meia dúzia de jornalistas internacionais, no Hotel Plaza Athenée. É mais magra e mais alta do que aparenta nas

fotografias. O cabelo longo, esticado, e a franja compõem o visual desta mulher, que guarda uma distância sem ser distante e que é difícil de situar entre o reservado, o tímido ou o longínquo. Enverga um elegante vestido cinzento, justo na cintura, a evidenciar-lhe a linha, em relação à qual ela garante que não faz “absolutamente nada” para manter. Nem ginástica, nem dietas, já que detesta a ideia de uma vida formatada, cheia de regras e de coletes de forças. Tyen, o director artístico da Dior, amigo de Monica há 20 anos, sentado em frente dela, afiança que a actriz come

pizas e chocolates sempre que lhe apetece. Não há-de ser assim tantas vezes, imaginamos, a fazer fé no corpo que revelam as fotografias desta mulher de 44 anos... Na verdade, 45. A conversa decorreu na véspera do seu aniversário. Bendita genética...

Porque aceitou, em 2006, ser um dos rostos da Dior e como se sentiu? Quando a Dior me convidou, senti-me muito honrada, porque, além de ser actriz, sou mulher, e ainda por cima já tinha 40 anos e acabara de ser mãe. O facto de a Dior escolher uma mulher adulta para a representar fez-me admirar o conceito de beleza da marca. Acho a mensagem muito forte: é uma prova de respeito pelas mulheres, independentemente da sua idade.

O que é para si a beleza? Vou parafrasear Oscar Wilde: a beleza dura cinco minutos. Se não houver algo forte por trás, não sobra muito. Nas fotografias, como nos filmes, gosto de me abandonar ao fotógrafo, não sou de controlar todo o processo, prefiro surpreender-me com o resultado. Há 20 anos que Tyen [o director artístico da Dior, fotógrafo e responsável pela maquilhagem da marca] e eu trabalhamos juntos — e não sei se ele conhece melhor a minha cara ou a minha alma.

Amanhã faz 45 anos. Como lida com o envelhecimento, sendo uma figura pública conhecida pela sua beleza, com contratos com marcas de beleza? A idade não é um problema para mim. No outro dia, olhando para fotografias minhas feitas pelo Tyen há 20 anos, achei que estava muito melhor agora. Pelo menos, sinto-me muito melhor. Mais feliz. Nos dias de hoje, ser uma mulher adulta é uma coisa maravilhosa. Se se tiver 40 anos, pode ter-se filhos, vê-los envelhecer... Esta obsessão pela juventude não me afecta.

Tem algum segredo de beleza? Faz ginástica, ioga, tem cuidado com a alimentação? Não bebo nem fumo. Tento dormir bem. Mas não vou ao ginásio... Detesto controlar as coisas, ser um soldado, com horas para tudo. Não acredito em nada disso.

Teve um ano profissional cheio. Acaba de filmar “The Private Lives of Pipa Lee”, de Rebecca Miller, ao lado de Robin Wright Penn, e “O Aprendiz de Feiticeiro”, de Jon Turteltaub, ao lado de Nicolas Cage. Para o ano, estreiam “Get it at Goode’s”, uma comédia de Bruce Beresford, e “1:30 Train”, de Joel Schumacher. Também já trabalhou com realizadores como Mel Gibson, em “A Paixão de Cristo”, e Giuseppe Tornatore, em “Malena”. Que desafios ou que realizadores é que ainda a seduziriam? Tenho tido sorte. Mas nunca

BELEZA ITALIANA

A ACTRIZ E ROSTO DA MARCA DIOR DESDE HÁ CINCO ANOS NÃO BEBE NEM FUMA, COME PIZAS E CHOCOLATES SEMPRE QUE LHE APETECE E RECUSA O GINÁSIO PORQUE DETESTA “SER UM SOLDADO COM HORAS PARA TUDO”



Perfil

A bela Bellucci

Monica Anna Maria Bellucci nasceu na aldeia de Umbria, na Itália rural, a 30 de Setembro de 1964, filha de uma pintora e do dono de uma empresa de camionagem. Aos 16 anos, começou a trabalhar como modelo, o que lhe permitiu viajar e conhecer o mundo. Os estudos de Direito, na Universi-



dade de Perugia, ficaram para trás, e Monica mudou-se para Milão, onde arrancou a sério com a sua carreira de manequim. Em 1989, trocou Itália por Paris, onde se afirmou, conseguindo trabalho também em Nova Iorque. Posou para a Dolce & Gabbana e para a “Elle”... Em 1989, decidiu ser actriz e tirou um curso de representação. O primeiro filme que lhe deu projecção internacional foi “Dracula de Bram Stoker”. A aparição foi curta, mas suficientemente marcante para o mundo da Sétima Arte lhe fixar o rosto. Em 1996, ganhou uma nomeação para o César, como

Melhor Revelação Feminina, pelo seu papel em “O Apartamento”. Seguiram-se desafios maiores, como o papel de protagonista em “Malena” (2000), de Giuseppe Tornatore, mas é com o desempenho em “Irreversível” (2002), ao lado do marido, Vincent Cassel — uma violação de dez minutos num plano fixo —, que confirmou o talento como actriz e provou que é mais do que uma cara (muito) bonita. Fez de Cleópatra em “Astérix e Obélix: Missão Cleópatra” e dividiu a cena com Bruce Willis em “Shoot'em Up”. Nos papéis de Perséfone, em “Matrix” e “Matrix Reloaded”, e

de Maria Madalena, em “A Paixão de Cristo”, ganhou notoriedade e consolidou a carreira. Depois disso, rodou “Os Irmãos Grimm”, “O Segundo Sopro”, “O Homem Que Ama” e “Ne Te Retourne Pas”. Acaba de filmar “As Vidas Privadas de Pipa Lee”, de Rebecca Miller, ao lado de Robin Wright Penn, e “O Aprendiz de Feiticeiro”, com Nicolas Cage. Tem uma série de projectos para o ano que vem. É, desde 2006, um dos rostos da casa Dior. Casada há dez anos com o actor Vincent Cassel, tem uma filha, Deva, de 5 anos, por quem se confessa completamente apaixonada.

PERCURSO NASCEU NA ITÁLIA RURAL, E AOS 16 ANOS JÁ TRABALHAVA COMO MODELO, DEIXANDO INCOMPLETO O CURSO DE DIREITO. DEPOIS DEDICOU-SE AO CINEMA: “IRREVERSÍVEL” FOI O FILME QUE LHE TROUXE NOTORIEDADE

telefonei a um realizador a dizer: “Adorava entrar num filme seu.” Prefiro esperar que venham até mim. Tenho muitos projectos para o futuro, dos quais ainda não posso falar. Posso adiantar, no entanto, que comprei os direitos de um livro que acho que poderá dar um belo filme.

O que a fascina, neste momento? As crianças. Desde que fui mãe, tudo é mais belo e mais simples, porque o centro deixou de ser o ‘eu’. Ter uma criança ajuda a crescer. E, como mulher, dá-nos equilíbrio. Desde que a minha filha existe, nunca mais estive triste.

Em que é que a vinda da sua filha alterou a sua rotina de trabalho? A minha filha Deva viaja comigo para todo o lado. Fiz dela uma pequena cigana. Inclusivamente, rodei um filme enquanto a estava a amamentar. Já fala três línguas, adora maquilhagem e o *set* de filmagens.

É uma mãe descontráida ou uma *mamma italiana* tradicional? Sou muito tradicional. Quero que ela durma bem, que coma bem...

Porque decidiu dar um nome indiano à sua filha? Não sabia que era um nome indiano [significa “criatura dos céus”]. Achava que era um nome italiano antigo.

Pensa ter ainda mais filhos? Não sei, acho que isso não se planeia. Posso dizer que neste momento me sinto sortuda, porque tenho uma óptima família, tenho uma paixão, que é o meu trabalho... Sinto-me uma mulher completa, feliz.

Esteve em Portugal recentemente [há dois anos] a rodar um anúncio. O que achou do país? Adoro Portugal. É selvagem. Sinto-me livre. A comida é óptima. E o meu marido [o actor Vincent Cassel, com quem é casada há dez anos] fala a língua.

Como gere o estar afastada do seu marido durante longos períodos? Estou habituada a essa dinâmica: estar separada dele durante dois meses, a filmar noutro país, e depois estarmos juntos durante outro período. É algo que fazemos desde sempre.

Que cor teria a sua vida actual, se tivesse de escolher? Vermelha. ■

*O Expresso viajou a convite da Dior
unica@expresso.impresa.pt

FOTOGRAFIA
MONICA BELLUCCI E O FOTÓGRAFO DE ORIGEM VIETNAMITA TYEN, DIRECTOR ARTÍSTICO DA DIOR, TRABALHAM JUNTOS HÁ 20 ANOS: “NÃO SEI SE ELE CONHECE MELHOR A MINHA CARA OU A MINHA ALMA”



Tyen

O segredo da Dior

É o responsável por inúmeros *looks* de sucesso da casa Dior, mas nem por isso o seu nome é conhecido do grande público. De origem vietnamita, Tyen, actual director artístico da marca, mudou-se para Paris aos 16 anos. Ingressou na École des Beaux Arts com o objectivo de ser designer de interiores, mas acabou por ir parar à Ópera de Paris como responsável da



maquilhagem de palco durante seis anos. Criou cenografias cheias de cor para “La Bohème”, “Madame Butterfly”, “O Lago dos Cisnes”... Essa experiência abriu-lhe as portas de prestigiadas revistas, como a “Vogue”, a “Vanity Fair”, a “Elle”... Teve a sorte de trabalhar com talentosos fotógrafos do outro lado do Atlântico, como Richard Avedon, Irving Penn, Arthur Elgort e Bill King, descobrindo uma nova veia artística — e uma componente fundamental: a luz. Dirá mais tarde que ela “é a cúmplice ideal da maquiagem” e que cada fotografia tem uma luz própria. Anos mais tarde, em 1990, verá esse talento recompensado quando a revista “Photo” elege a sua campanha “Mascara Parfait” como

Melhor Anúncio Publicitário Mundial.

Em 1979, é contactado pela Dior, e, confessa, achou que não estaria à altura do desafio. A humildade era, no entanto, tão visível em Tyen como o seu talento. Rapidamente chegou a director de Design de Maquilhagem da marca. Criou uma série de produtos de sucesso, da paleta “Neige de Lune” (quatro sombras de olhos variáveis em função da luz) a um rímel azul eléctrico que se tornou num *best-seller*, o batom de longa duração “Diorific” ou o *rouge* Dior — já nos lábios de Monica Bellucci, diva que ele escolheu para a marca. Foi o criador de campanhas tão mediáticas como as de “Poison”, “Dune” ou “Hypnotic Poison”.

Tyen é um apaixonado por mulhe-

res bonitas: fotografou beldades como Emmanuelle Béart, Carla Bruni, Íman, Linda Evangelista, Helena Christensen, Christie Turlington, Milla Jovovitch, Naomi Campbell e, finalmente, Monica Bellucci. Da maquiagem, diz que “deve ser um véu” e servir para “revelar os traços e as cores de cada um”. Tem de ser “o mais transparente possível — próximo da Vénus de Botticelli.” O homem que se define como um fazedor de sonhos acredita que “a mulher do século XXI deverá ser como um espelho, transparente, quase como um sopro de vento, ou um narciso a reflectir-se num lago”. Este ano, comemora 30 anos de criações para a casa Dior com uma exposição temporária no Palácio de Tóquio.



**VEJA
A FOTOGALERIA**
www.expresso.pt/
life&style